

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE
SERGIPE - FANESE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO – NPGE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU” ESPECIALIZAÇÃO
EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA**

MARIA TEREZA LIMA BEZERRA

**O BRINCAR PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um
enfoque psicopedagógico**

**ARACAJU
2007**

MARIA TEREZA LIMA BEZERRA

**O BRINCAR PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um
enfoque psicopedagógico**

Projeto de Intervenção Psicopedagógica, apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE, como um dos pré-requisitos para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

Orientadora: Cássia de Fátima da S. Souza.

**ARACAJU
2007**

MARIA TEREZA LIMA BEZERRA

**O BRINCAR PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um
enfoque psicopedagógico**

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como um dos pré-requisitos para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, no período de 2007.

1º Examinador

2º Examinador

3º Examinador

Aprovado(a) com média: _____

Aracaju/SE, 05 de novembro de 2007

AGRADECIMENTOS

Quero eleger um alguém para representar todas as pessoas a quem eu fui, sou e serei sempre grata.

É à pessoa de Isa Regina, minha irmã, que eu manifesto profunda gratidão, por ser um instrumento divino para ressignificar as nossas vidas.

Cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto cria seu mundo próprio ou, dizendo melhor, enquanto transpõe os elementos formadores de seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ela.

Freud, O poeta e a fantasia.

RESUMO

Este estudo conclui que a fragmentação do homem o torna impotente, dificultando, senão impedindo, a sua possibilidade de expressão e de afirmação no mundo. Uma pedagogia fundamentada na ludicidade criativa é uma proposta inovadora e positiva para a eficácia da aprendizagem, porque melhora os relacionamentos sociais, desenvolve esquemas mentais, além de contribuir para a formação de cidadãos críticos, responsáveis, participativos, sensíveis e autônomos. Conscientizar o educador da importância do brincar no desenvolvimento da criança pressupõe, por parte daquele, enxergá-la como um ser completo, inteiro, pensante, sensível, atuante, entre outros atributos. Com as atividades lúdicas, a criança terá estruturado o ego, compreenderá a noção de deveres e direitos e demais capacidades, preparando-se assim para as mais variadas empreitadas que ainda estão por vir.

Palavras-chave: Brincar, aprendizagem, desenvolvimento infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
2.1 Educação Infantil na história.....	09
2.2 Psicopedagogia e educação infantil.....	13
2.3 O desenvolvimento da criança através do brincar.....	17
2.3.1 Significado e função do brinquedo na criança.....	19
3 METODOLOGIA.....	20
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	21
4.1 Caracterização e análise da situação encontrada na Instituição.....	21
5 PLANO DE AÇÃO.....	25
5.1 Justificativa.....	25
5.2 Objetivos.....	26
5.3 Público-alvo.....	27
5.4 Cronograma.....	27
5.5 Atividades propostas.....	27
6 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICES.....	35
ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil encontra-se em um acelerado processo de mudanças. As crianças, desde que nascem, recebem uma quantidade muito grande de estímulos e a eles respondem, surpreendentemente.

A evolução que estamos vislumbrando na ciência e tecnologia as atinge e, em contrapartida, exige do educador uma cautela cada vez maior, no sentido de que os avanços não se dêem apenas em uma área (promovendo um desequilíbrio), mas sim de forma harmoniosa, nos campos mental, emocional, intelectual do indivíduo.

Uma intervenção psicopedagógica deve levar em conta e integrar todos os fatores (cognitivos, afetivos, etc.) que atuam nos níveis conscientes e inconscientes da conduta do sujeito; é nesse contexto que surge a importância do símbolo, o qual age com toda sua força integradora.

Através da manifestação simbólica, a criança pode desenvolver sua primeira forma de linguagem, lembrando-se de suas experiências, organizando-as no tempo e no espaço, em cenas de progressiva complexidade que se ampliam, aos poucos, para o coletivo.

É importante salientar que a Educação Infantil é a base, o primeiro degrau da educação institucional e, como tal, constitui uma ponte entre as brincadeiras infantis e as exigências de uma futura formação acadêmica.

As crianças devem ter a sua necessidade de expressão respeitada, estimulando-se o tempo livre para brincar, que não deve ser visto como uma atividade complementar, supérflua, dispensável.

Os esquemas lúdicos caracterizam-se pelo predomínio do prazer sobre a tensão do esforço prolongado, na busca de melhor adaptação à realidade. Assim, exigências externas e internas que pressionam a pessoa, impedindo um bom raciocínio e decisões serenas, são aliviadas no ato de brincar, o qual possibilita ainda o desabrochar de talentos, aptidões e habilidades até então latentes ou mesmo desconhecidas.

No intuito de conduzir a equipe docente da Instituição a uma reflexão de cunho teórico-prático acerca da ampliação de referenciais de mundo da criança,

promovendo o seu desenvolvimento através do brincar, surge este projeto de intervenção psicopedagógica, mediante atividades que resgatem a criança interior do ensinante-aprendente, em prol de uma ação educativa mais condizente com o universo infantil, suplantando as adversidades encontradas.

Assim, tendo-se como pressuposto a análise das entrevistas realizadas, emergirá a importância da teoria psicopedagógica no cotidiano da escola, na medida em que não só propiciará uma maior compreensão do desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças, como também suscitará questionamentos sobre a prática pedagógica do professor, contribuindo para o crescimento de todos.

A partir deste trabalho, construímos uma proposta didática, que possa ser aplicada na sua prática pedagógica, visando a integrar os aspectos multidisciplinares do processo de ensino-aprendizagem na educação pré-escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação infantil na história

A Educação Infantil surgiu no século XVI, quando a burguesia, classe em expansão, passou a reivindicar formas mais concretas de vida; não mais lhe bastava uma educação dogmática, era preciso recorrer a uma educação que lhe desse condições de dominar a natureza.

No início do século XVII, apareceram as primeiras preocupações com a educação das crianças pequenas. Significativas mudanças ocorreram nas atitudes das famílias em relação às crianças que, inicialmente, eram educadas a partir de aprendizagens adquiridas junto aos adultos e, aos sete anos, a responsabilidade pela sua educação era atribuída a outra família.

O sentimento de infância¹ surgiu, provocando mudanças no quadro educacional. *João Amós Comênio (1592-1657)* é digno de nota, com seu brilhante tratado - "Didática Magna", no qual organizou quatro períodos de desenvolvimento: infância, puerícia, adolescência e juventude.

Jean Jacques Rousseau (1712-1772) é figura marcante no delineamento da educação da criança pequena de sua época. É considerado uma das personalidades mais destacadas da história da pedagogia, apesar de não ter sido propriamente um educador. Suas idéias muito influenciaram a educação da modernidade. Foi ele quem centralizou a questão da infância na educação, evidenciando a necessidade de não mais considerar a criança como um homem pequeno, mas que ela vive em um mundo próprio, cabendo ao adulto compreendê-la. Afirmou ele:

"Procuram sempre o homem no menino, sem cuidar no que ele é antes de ser homem. Cumpre, pois, estudar o menino." "Não se conhece a infância; com as falsas idéias que se tem dela, quanto mais longe vão mais se extraviam". "A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir, que lhes

¹ De acordo com Philippe ARIÈS, em a *História Social da Infância e da Família*, esse sentimento surgiu no século XVII, quando a sociedade passou a ter consciência da particularidade infantil, particularidade essa que distingue essencialmente a criança do adulto.

são próprias”.

Rousseau demonstrou sua preocupação com a infância, a qual considerava marcada pela vulnerabilidade, pois naquela época esse período apresentava grandes riscos à sobrevivência das crianças. Para ele, porém, tal fato não poderia servir como pretexto na limitação da educação que se impunha; a educação deveria estar vinculada à própria vida da criança, propiciando-lhe, em cada fase de seu desenvolvimento, condições de vivê-la o mais intensamente possível.

No auge da Revolução Francesa, desponta a figura de *Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827)*, considerado o “educador da humanidade”. Influenciado por Rousseau, preocupou-se com a formação do homem natural, unindo-o, entretanto, à sua realidade histórica.

Seu sistema pedagógico tinha como pressuposto básico propiciar à infância a aquisição dos primeiros elementos do saber, de forma natural e intuitiva. Considerado um dos precursores da educação nova, ressaltou a importância de se psicologizar a educação e defini-la em função das necessidades de crescimento e desenvolvimento infantis.

A educação infantil no século XIX. *Friedrich Fröbel (1782 – 1852)* criou os “Kindergartens” (Jardins de Infância), nos quais destacava a importância de se cultivar as almas infantis e, para tanto, o fundamental era a atividade infantil. Considerado o clássico da primeira infância, fez suas primeiras incursões no campo educativo dando aula em uma escola cujo trabalho baseava-se nos postulados de Pestalozzi.

A educação Infantil no século XX. No final do século XIX e no decorrer do século XX, a reafirmação da hegemonia da burguesia liberal ocorreu a partir da ruptura do domínio da Igreja sobre a educação.

Ovide Decroly (1871-1932), inicialmente, desenvolveu suas atividades educativas junto a crianças ditas anormais (1901). Propunha a substituição do ensino formalista, baseado no estudo dos tradicionais livros de textos, por uma educação voltada para os interesses e necessidades das crianças (a criança precisa conhecer a si mesma, para depois conhecer o meio em que vive).

John Dewey (1859-1952) – o máximo teórico da escola ativa e progressista, pensava que o método científico deveria subsidiar o trabalho em sala de aula; o conhecimento seria trabalhado de forma experimental, socialmente, desde

a infância, com o intuito de torná-la um bem comum. Partia do princípio de que o caminho mais viável para o aprender é o fazer, superando assim aquela visão de que cabia ao professor a responsabilidade integral pelo conhecimento a ser adquirido pelo aluno. Para ele, o professor poderá estabelecer um plano de ação e, por conseguinte, os recursos disponíveis, as condições, os meios e os obstáculos para sua concretização.

O “método de projetos” é um dos pontos culminantes de sua contribuição, podendo hoje ser encontrado em grande número de escolas infantis. Tal sistema foi aperfeiçoado por vários discípulos, entre ele *William Heard Kilpatrick*.

A figura feminina de *Maria Montessori (1870-1952)* surge como uma das mais importantes representantes da mudança radical que se dá na escola com relação à concepção de ensino e aprendizagem. Estudou filosofia e psicologia. Seu envolvimento com a educação da criança pequena data de 1907, quando fundou a primeira “Casa dei Bambini”, para abrigar em torno de cinquenta crianças normais carentes, filhas de desempregados.

Naquela casa-escola, realizou várias experiências que deram suporte a seu método, baseado numa concepção biológica de crescimento e desenvolvimento. Por ser médica, preocupou-se com o biológico, sem, contudo deixar de lado os aspectos psicológico e social.

Celestin Freinet (1896-1966). Sua maior preocupação era quanto à renovação do ensino primário público; pela leitura de suas obras, constata-se um direcionamento à educação das crianças pequenas. Considerado um educador revolucionário, realçava o aspecto social, através de técnicas como texto impresso, correspondência escolar, texto livre, livre expressão, aula-passeio, livro da vida, as quais eram utilizadas em um contexto significativo, em que as crianças sentiam-se sujeitos do processo de aquisição do conhecimento. Para ele, o dinamismo as impulsionava na busca por esse conhecimento.

Criador da “epistemologia genética”, *Jean Piaget (1896-1980)* sempre esteve preocupado em investigar como se dava a construção do conhecimento nos campos social, afetivo, biofisiológico e cognitivo, qual a sua gênese, seus instrumentos de apropriação, tendo as crianças como objeto de investigação.

No que concerne à aplicabilidade de sua teoria no campo pedagógico, adverte ele:

“Estou convencido de que os nossos trabalhos podem prestar serviços à educação, na medida em que vão além de uma teoria

do aprendizado e permitem vislumbrar outros métodos de aquisição de conhecimentos. Isso é essencial. Mas como não sou pedagogo, não posso dar nenhum conselho aos educadores. A única coisa que posso fazer é fornecer fatos. Além do mais, considero que os educadores estão em condições de encontrar por si mesmos novos métodos pedagógicos”.

Evidenciou, através da experimentação, como se processa a aquisição do conhecimento e a mutabilidade deste ao longo de todas as fases da vida humana. Para esse mister, Piaget desenvolveu numerosos estudos e pesquisas nos mais diversos campos do saber. Estudando, com profundidade, suas obras, vislumbraremos a grandiosidade da contribuição que ele nos legou, buscando compreender a origem e o desenvolvimento do conhecimento infantil. Alguns aspectos relevantes: a construção do real, das noções de tempo e espaço, a gênese das operações lógicas.

Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), atento ao desenvolvimento cultural da humanidade, envolveu-se com a infância, mediante alguns estudos que lhe permitissem compreender o comportamento humano. Segundo ele, a necessidade do estudo da criança reside no fato de ela estar no centro da pré-história do desenvolvimento cultural, devido ao surgimento do uso de instrumentos da fala. Dedicou-se ao estudo da pedologia – ciência da criança voltada para o estudo do desenvolvimento humano, articulando os aspectos psicológicos, antropológicos e biológicos.

Serviram-lhe de alicerce as contribuições de Marx, buscando sempre compreender o homem em processos constantes de interação social. Diferentemente de Piaget, o interesse por questões educacionais sempre esteve presente em sua obra, sendo por muitos considerado o responsável pela elaboração de uma teoria de educação, como atividade sócio-historicamente determinada. Voltou-se para o entendimento das origens sociais e das bases culturais do desenvolvimento infantil, tendo como pressuposto fundamental o fato de que “os processos psicológicos superiores se desenvolvem nas crianças por meio da imersão cultural nas práticas das sociedades, pela aquisição dos símbolos e instrumentos tecnológicos da sociedade e pela educação em todas as suas formas”.

Seus postulados dão destaque à mudança em quatro níveis históricos: filogênico (desenvolvimento das espécies); histórico (história dos seres humanos); ontogênico (história individual das crianças) e microgenético (desenvolvimento de processos psicológicos particulares).

No Brasil, a História da Educação também está associada às políticas econômicas e sociais. O art. 1º da Lei nº. 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB) estatui: “a Educação Escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

Ao tratar dos Princípios e Fins da Educação Nacional, a LDB, em seu art. 2º, estabelece que “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A Carta Magna de 1988 já assegurava o direito das crianças de zero a seis anos de idade à educação em creches e pré-escolas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) reafirma tal direito, traçando diretrizes no âmbito da Educação Nacional, de grande relevo para a Educação Infantil, cuja inserção na educação básica denota o reconhecimento de que a educação começa nos primeiros anos de vida, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus diferentes aspectos, complementando a ação da família e da comunidade.

Para dar remate a este tópico, destacamos a importância dos Referenciais Curriculares Nacionais, os quais servem como guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas, respeitando-se os estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira.

2.2 Psicopedagogia e educação infantil

A Psicopedagogia, com a proposta de perceber o sujeito como ator de um processo, no qual tudo e todos à sua volta estão envolvidos, ajuda o professor a perceber a criança, lançando sobre ela um olhar investigativo, com o intuito de descobrir suas necessidades, para assim auxiliá-la na superação das dificuldades de aprendizagem e, principalmente, na prevenção das mesmas.

A ação do psicopedagogo na escola oportuniza um espaço de reflexões, onde o professor poderá, através de diálogos e estudos com o psicopedagogo, repensar e adequar a sua prática de maneira a suprir as necessidades coletivas e individuais das crianças, observando todos os que fazem parte da instituição como atuantes nas construções daquelas.

Os professores de Educação Infantil que não possuem um olhar psicopedagógico sobre a compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem dos seus alunos, no que se refere às relações entre afetividade e cognição, apresentam menores condições para a organização de uma proposta de intervenção pedagógica que auxilie na prevenção das dificuldades de aprendizagem.

É necessário entender e solucionar as dificuldades de aprendizagem, anteriormente vistas como um mal. Durante muito tempo, a criança que tivesse alguma dificuldade de aprendizagem não era respeitada em seu processo de construção do conhecimento, sofrendo preconceitos e, muitas vezes, sendo encaminhada para escolas especiais.

Buscando modificar essa realidade, “a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e a Psicologia, a partir das necessidades de atendimento de crianças com ‘distúrbios de aprendizagens’, consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional” (KIGUEL apud BOSSA, 2000, p.18).

Esclarece-nos a Psicopedagogia que a dificuldade de aprendizagem é um sintoma que surge a partir da “dinâmica de relações entre o sujeito e o meio familiar e social em que vive” (ESCOTT, 2004, p.66), podendo também ser explicada pela inadaptação da prática escolar às necessidades do aluno (são os chamados processos reativos).

A Psicopedagogia pode contribuir com a ação pedagógica na Educação Infantil através de reflexões com o professor sobre o desenvolvimento do grupo de alunos, na elaboração de propostas adequadas para que avancem nas suas aprendizagens e também compartilhando os conhecimentos que lhe são próprios.

Bossa (2000), ao falar da importância do psicopedagogo na instituição escolar, afirma que, “através da aprendizagem, o sujeito é inserido, de forma mais organizada, no mundo cultural e simbólico que o incorpora à sociedade” (IDEM, 2000, p. 90). Sendo a instituição escolar parte da sociedade e tendo a aprendizagem estreita relação com a interação criança-meio social, vislumbra-se a relevância do mundo sociocultural na aprendizagem do indivíduo.

A Psicopedagogia, no seu âmbito institucional, tendo uma preocupação especial com a prevenção das dificuldades de aprendizagem, procura conhecer o sujeito como um ser único, embora complexo, pois, segundo Bossa (2000, p.90), *“cada sujeito tem umas histórias pessoais, da qual fazem parte várias histórias: a familiar, a escolar e outras as quais, articuladas, condicionam-se mutuamente.”*

A partir deste conhecimento da cultura e história do aluno, o professor e o psicopedagogo, juntamente com outros profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, como o diretor, o supervisor e o orientador, construirão uma prática pedagógica que contribua para as construções de aprendizagem daquela criança ou daquele grupo.

Escott (2004, p. 71) afirma que *“a Psicopedagogia Institucional insere-se neste contexto como a possibilidade de construção de um espaço de trocas e reflexão teórico-prática.”*

O diálogo, os estudos e as reflexões possibilitam maior qualificação da ação do professor, construindo uma prática pedagógica mais segura e, conseqüentemente, oferecendo suporte para que os alunos construam suas relações de aprendizagem tranqüila e agradavelmente.

Campos (2003, p. 213) ressalta a importância do *“vínculo do professor com a aprendizagem e seu prazer de ensinar”*, sendo claramente percebido que, quando o professor não sente prazer e não se sente seguro com seu processo de ensino-aprendizagem, dificilmente os alunos construirão seus conhecimentos de forma tranqüila e sem problemas.

Pode-se afirmar então que a Psicopedagogia traz para a educação infantil mais possibilidades de buscas e reflexões, tanto para professores quanto para alunos, que, enquanto sujeitos desejantes e aprendentes, necessitam de vários olhares, direcionados às necessidades e vontades.

Todas as aprendizagens da criança partem de experiências corporais e afetivas, tendo o jogo um papel crucial no seu desenvolvimento.

Piaget (apud KAMII, 1992) afirma que para a criança construir algum conhecimento, é necessário que este tenha significado para ela.

Diz-nos Pain (in PARENTE, 2000, p.19): *“temos que tornar o terreno o mais fértil possível a partir de sensações corporais e afetivas”*, ou seja, temos que significar as aprendizagens da criança – ser único e social, que tem uma história, necessidades e desejos distintos e estes devem ser respeitados.

A criança, ao ingressar na escola, possui um conhecimento prévio, o qual tem um significado afetivo em relação ao que será construído posteriormente por ela. É preciso que a escola compreenda esse significado, para organizar suas intervenções pedagógicas de forma a influenciar, positivamente, o processo de aprendizagem do sujeito.

As relações da criança com o adulto são extremamente importantes para o seu desenvolvimento moral e intelectual, que corre naturalmente, quando o adulto possibilita que a criança tenha suas experiências, intervindo quando necessário. De acordo com Rangel (1992, p. 73), “é comum ver professores intervindo na dinâmica de relações entre crianças, impedindo-as de encontrarem, pelas trocas recíprocas, soluções próprias aos conflitos que vivenciam”. Essa intervenção da professora é bastante prejudicial para o desenvolvimento cognitivo e moral das crianças, pois, de tal forma, ela está impedindo que se construa nas relações de aprendizagem um sujeito moralmente autônomo.

Segundo Pain (1985), há duas ordens de condições que possibilitam a aprendizagem: a externa, que indicam o ambiente no qual o aluno está inserido e a interna, que está relacionada com a subjetividade do indivíduo.

Faz-se mister um olhar crítico e investigativo do professor em relação aos seus alunos, percebendo cada sujeito como individual e fruto de uma história que é fundamental para a construção de seus vínculos, significados e constituição da modalidade de aprendizagem. Assim, ver-se-á que cada grupo de alunos constitui uma identidade, um conjunto de sujeitos diferentes que constituem uma outra história e uma modalidade de interações, de significados e relações de aprendizagem.

Quando o professor, a partir de observações e atividades em sala de aula, percebe que seu(s) aluno(s) encontra(m) dificuldades em construir suas relações, primeiro é preciso que ele faça uma investigação sobre essa criança ou grupo. Tal investigação parte de conversas com a mãe sobre a história vital da criança, sendo importante ouvir esta também, por ser o sujeito desta história. Não se pode deixar de lado, neste caso, uma reflexão sobre a atuação do professor e da escola, uma vez que nem sempre as dificuldades de aprendizagem são internas.

Professor e psicopedagogo juntos irão analisar os resultados das entrevistas e da reflexão sobre a atuação pedagógica. A partir desse ponto, será criado um plano de intervenção, de maneira a auxiliar a criança a superar suas dificuldades e construir sua aprendizagem de forma tranqüila.

Convém salientar que “a instituição escolar é um espaço de construção de conhecimento não só para o aluno, mas para todos nele envolvidos” (ESCOTT, 2004, p.36).

O aluno não é o único sujeito da aprendizagem na escola; o professor, o

supervisor, o orientador, o psicopedagogo e o diretor também fazem parte desse processo.

2.3 O desenvolvimento da criança através do brincar

A brincadeira é um dos recursos utilizados pela criança para conhecer o mundo. Brincando ela constrói significados, objetivando a assimilação de papéis sociais, o entendimento das relações afetivas e a construção do conhecimento (GOMES, 1993, p.123).

A transformação que ocorre em cada âmbito decorre da interação entre um padrão de maturação biológica própria de cada criança e a estimulação proveniente do ambiente que a cerca, no qual os contextos familiar e social são importantíssimos (HAEUSSLER, RODRÍGUEZ, 2005, p. 18).

Eis o desafio do educador: intervir, de modo favorável, no desenvolvimento da criança, constituindo uma presença estimuladora, ajudando-a a trilhar os seus caminhos com segurança.

De acordo com Piaget (1968), o processo de construção do conhecimento ocorre em etapas, que evoluem progressivamente por meio de estruturas de raciocínio que surgem com base em um mecanismo de adaptação do organismo a novas situações. É, portanto, pelas próprias experiências que a criança constrói seu conhecimento – concepção que originou o construtivismo.

Cada pessoa possui o potencial para adquirir novas formas de comportamento em qualquer momento da sua vida. Todavia, há períodos mais adequados para o surgimento de algumas habilidades.

Os primeiros anos de vida são marcados por descobertas, experiências e aprendizagens que se dão, principalmente, por meio da interação.

A idade pré-escolar – entre os 3 e os 6 anos -, é bastante sensível à aquisição de várias atitudes e habilidades.

Até os 3 anos, a interação se dá por meio da observação e da exploração do espaço, incluindo tudo que está contido nele.

De acordo com Henriques (1987), as crianças costumam expressar expectativas reais e irreais com relação ao meio escolar, curiosidades, questionamentos, descobertas e reações psicomotoras, acompanhadas de sentimentos de insegurança ou segurança. Estas reações também mereceriam ser

explicitadas e elaboradas no trabalho de classes.

Há para isso, uma variedade de “conteúdos significativos” que poderiam ser explorados através de situações lúdicas e adequadas, propostas pelo professor e que auxiliariam a criança a elaborar alguns “conflitos” próprios deste período, através da expressão do que “sente, pensa ou faz”, com vistas à formação de seu autoconceito e à sua interação no grupo, tão necessárias para o êxito das aprendizagens posteriores.

Para Cabral (2006), quando a criança brinca, aprende a se expressar no mundo, investiga seu ambiente, torna-se informada sobre si mesma. A brincadeira proporciona-lhe um entendimento da expressão corporal como linguagem e paralelamente a afasta do cotidiano e a faz deparar-se com a liberdade. Quando se brinca, se tem contato com a sociabilidade espontânea, se participa de novas experiências, sensações e aquisições, deparando-se com problemas onde o grau de solução parte do desenvolvimento mental.

No aspecto cognitivo, Piaget elucida: brincando a criança resolve problemas, desenvolve a linguagem e suas relações pessoais; é um agente ativo em seu próprio desenvolvimento, construindo e adaptando-se ao ambiente, sendo capaz de modificar seus esquemas básicos. As habilidades cognitivas infantis não só dependem do conhecimento e perícia específicos, mas também do ambiente que facilitará o brincar da criança.

Em Winnicott (1982), encontramos a fundamentação teórica para priorizar o brincar e o uso de objetos na relação com o mundo, sob um enfoque afetivo. Ele afirma que “é no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo, utilizar sua personalidade integral e descobrir o seu eu”. Mostra-nos que a criança inicia seu relacionamento com o meio através de objetos (pessoas e coisas), investindo afetivamente neles. Primeiramente, apegando-se a ele com o objetivo de assegurar-se e encontrar apoio. Posteriormente, agindo sobre ele, a criança percebe-o como algo independente, para então fazer uso deste objeto como parte da realidade externa.

Segundo Cabral (2006), brincar pode ser considerado o verbo universal das crianças, nas suas várias ressignificações, pode ser considerado um instrumento de linguagem.

Nem está dentro, nem está fora: é intermediário, pois se localiza entre o eu e o outro.

2.3.1 Significado e função do brinquedo na criança

O trabalho está para o adulto, assim como o brinquedo está para a criança - esta equação sintetiza a importância do brinquedo na vida da criança.

Lebovici e Diatkine (1985) afirmam que se o jogo, o brinquedo, são tão importantes, devem ser também considerados como a “expressão dos modos atuais da organização da personalidade da criança e como um modo estruturante em relação às organizações mais tardias.

A criança que não brinca não se aventura em algo novo, desconhecido. Se, ao contrário, é capaz de brincar, de fantasiar, de sonhar, está revelando ter aceitado o desafio do crescimento, a possibilidade de errar, de tentar e arriscar para progredir e evoluir.

Cabral (2006), afirma que na dimensão educacional, cada brinquedo esconde uma relação educativa. Ao fazer seu próprio brinquedo, a criança aprende a trabalhar e a transformar elementos fornecidos pela natureza ou materiais já elaborados, constituindo um novo objeto, seu instrumento para brincar.

Através do brinquedo educativo, a pedagogia aparece justaposta ao lúdico. O brinquedo passa a ser visto também como algo sério, conseqüente. Não é mais “apenas” o instrumento que as crianças utilizam para se divertir e ocupar o seu tempo, mas é um objeto capaz de educá-las e torná-las felizes. Com o brinquedo educativo “acaba-se a brincadeira”, uma vez que fica abolida a inutilidade, que muitos enxergam, nas atividades lúdicas infantis.

No aspecto político, o brinquedo é instrumento de dominação. Através dele é possível fazer uma reflexão crítica sobre a formação social da criança numa sociedade capitalista, permitindo a discussão de como essa sociedade trabalha, forma, educa e adentra crianças, afirma a autora citada.

O lúdico, apesar do aspecto prazeroso, é dirigido, não é sinônimo de brincadeira, espontaneidade.

O jogo, o brincar, são uma espécie de laboratório da infância, não deve haver intervenção do adulto, salvo se for convidado pela criança.

A escola, como espaço de valorização da iniciativa infantil, necessita fazer a distribuição equilibrada entre o brincar e as atividades lúdicas (dirigidas).

3 METODOLOGIA

Nossas observações concentraram-se em torno da equipe docente, tendo em vista os objetivos propostos.

A pesquisa realizou-se através de observações direta e indireta de todos os componentes da instituição, durante um mês, com aplicação de questionários semi-estruturados², aos docentes, funcionários e direção.

Procuramos, várias vezes, fazer parte das atividades propostas, com cautela, de modo a não configurar uma invasão do espaço, o que poderia comprometer a receptividade ao nosso trabalho.

² A opção por esse tipo de questionário deve-se ao fato de que, através dele, pode-se conhecer melhor o perfil do profissional que atua na instituição.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Caracterização e análise da situação encontrada na Instituição

Fundado no ano de 1960, o Lar Infantil Ternura³ tem sua sede na Zona Sul da nossa capital, em área residencial, cuja comunidade constitui-se de pessoas de classe média e baixa. Abriga 80 crianças, dos 3 aos 6 anos de idade, oriundas de família de baixa renda, em regime de semi-internato (entre 7 e 17 horas).

A instituição é ampla, possuindo pátios abertos (com e sem cobertura), parquinho, consultório médico, dentário, 4 salas de aula, 1 sala de vídeo, salão para repouso, banheiros para criança e adulto, cozinha, refeitório, secretaria, brinquedoteca.

São funcionários do Lar Infantil Ternura: uma auxiliar de classe, que é responsável também pela secretaria, assume o papel de educadora, sobretudo no turno vespertino, quando as duas estagiárias vinculadas à rede municipal de ensino, estudantes universitárias, não se encontram mais no local; uma cozinheira; uma copeira e um caseiro.

As demais pessoas que prestam algum serviço na instituição são voluntárias, os quais não têm escala pré-estabelecida, de modo que em um determinado dia, pode haver somente um voluntário, enquanto em outro pode haver dois ou três ou nenhum, dificultando assim o desenvolvimento das atividades com as crianças.

Para manter-se, conta com poucos recursos advindos da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania, de doações esporádicas de pessoas físicas, jurídicas, bem como de subvenções estaduais.

É solicitada a cada família que efetua a matrícula da(s) criança(s) a quantia de R\$ 10,00 (dez reais) mensais, a qual é paga, dentro das possibilidades, não havendo uma cobrança, mas sim um pedido de colaboração, dada a situação de precariedade em que se encontra o Lar, precisando de reformas, sobretudo nos tetos da cozinha (não tem forro) e da brinquedoteca (cheio de cupim); ainda nesse

³ Todos os nomes utilizados, quer da instituição, quer das pessoas que dela fazem parte, são fictícios.

espaço, deve-se providenciar a colocação de um portão, separando os degraus que dão acesso ao refeitório, de modo a oferecer maior segurança.

O Lar Infantil vende material reciclável doado e possui pequeno criatório de galinhas no quintal cuja área poderia ser mais bem explorada, como, por exemplo, com o cultivo de alguns produtos – uma pequena horta.

Do quadro de pessoal responsável pela instituição, constam os nomes de três pessoas: uma ocupando a presidência, outra a vice-presidência e direção pedagógica e a última, a tesouraria.

Em entrevista à presidente, ficou evidenciada a falta de conhecimento acerca de educação infantil, o que se confirmou nas observações feitas quando do estágio.

A ausência de material humano é, indubitavelmente, um grande entrave no Lar Infantil Ternura. Tal obstáculo acaba por desencadear outros mais, agravando a situação. Até a higiene das crianças fica comprometida, pois embora nas reuniões com as mães tenha sido tratado desse assunto, indagando-se, inclusive, sobre a possibilidade de elas oferecerem ajuda no banho diário, ninguém se prontificou a fazê-lo.

O cotidiano do Lar consiste, basicamente em: realizar tarefas com papel, lápis-grafite, lápis de cor, giz de cera, massa para modelar; assistir a fitas de vídeo; fazer as refeições (antes do almoço presenciamos sempre uma pequena oração que as crianças ouvem e repetem). Há carência de motricidade, musicalização, brincadeiras, jogos didáticos, contextualização, como também pouca exploração do espaço. Necessitam de vários profissionais: Pedagogo, Psicopedagogo, Pediatra, Odontólogo, Psicólogo, Assistente Social.

A concepção de educação assumida pela instituição não ficou explícita, na medida em que inexistente um projeto pedagógico. Vale ressaltar que apesar de existir uma boa intenção por parte de todos que compõem o quadro funcional, esse fator, implica práticas não-sustentadas no conhecimento científico e metodológico, não se levando em consideração a necessidade de propiciar à criança experiências integradas de aprendizagem. Isso exige do professor a aquisição de uma habilidade de ensino.

Pensamos que essa habilidade não deve limitar-se a um treinamento ou a uma aplicação de modelos e listagens de atividades em que o professor fica fora do processo a ser vivenciado pela criança. O professor deve adquiri-la, também,

a partir de vivências, onde ele possa refazer ou mesmo experimentar algumas experiências que envolvam:

- _ Sensibilização corporal;
- _ Brincadeiras e jogos infantis;
- _ Diversas formas de expressão em atividades livres e criadoras.

No acompanhamento que fizemos junto aos professores, a partir das observações, coleta de seus planejamentos e relatos de sua prática pedagógica, podemos destacar:

- _ o despreparo do professor em lidar, ao mesmo tempo, com a natureza global e diversificada da educação pré-escolar, ao agregar “diferentes atividades” na tentativa de estimular “todas” as áreas de desenvolvimento da criança;

- _ a dissociação entre “o que e o por que fazer” do “como fazer”, muitas vezes causada pela dicotomia entre a teoria e a prática desenvolvida em seus cursos de formação;

- _ a facilidade, a segurança e a comodidade procuradas pelo professor, ao explorar apenas alguns aspectos do desenvolvimento da criança em cada atividade.

Na realidade, encontramos muitos professores despreparados e/ou desatentos, que desperdiçam momentos ricos e únicos, nestas experiências da criança, não explorando, de forma explícita, simultânea e efetivamente integrada, os aspectos afetivos, psicomotores, cognitivos e sócio-culturais naturalmente presentes em tais experiências.

A pré-escola é considerada por muitos pais e professores como um local aonde as crianças vão para brincar e passar o tempo; para eles, as crianças precisam nessa idade é de um lugar espaçoso, onde possa brincar ao ar livre, portanto não precisa de qualidade nem de sistemática, o próprio professor se desvaloriza, achando que, para brincar com as crianças, basta ser carinhoso, qualquer um pode fazer este trabalho.

É muito comum nas salas de aula da pré-escola, não existirem programas, objetivos, avaliação ou diário, pelo fato de acreditar-se não existir aprendizagem, o que se confirmou em nossas observações. O trabalho com linguagens não-verbais é realizado sem seriedade nem sentido. É brincadeira.

Mas por que será que se considera que na pré-escola só se brinca e não se aprende?

A partir de considerações e questionamentos sobre esta realidade,

apresentaremos uma proposta didática que inclui procedimentos, por parte do professor, que favoreçam a integração simultânea e efetiva dos aspectos psicomotores aos aspectos cognitivos, afetivos e sócio-culturais.

5 PLANO DE AÇÃO

5.1 Justificativa

Teoricamente, os educadores reconhecem a importância do brincar no desenvolvimento infantil, sabem que todas as áreas de aprendizagem são indissociáveis e conseqüentemente estão implícitas em todas as atividades.

As crianças em idade pré-escolar possuem um anseio natural para brincar; noutro passo: aplicam suas habilidades, as quais desabrocham em uma crescente variedade, de maneira que permitem a exploração de si mesmas e do ambiente em que vivem.

Há uma organização do seu mundo interior, um avanço que as torna aptas para o ingresso em níveis cada vez mais elevados de desenvolvimento.

É necessário dar à criança a possibilidade de desenvolver sua imaginação, fantasia, capacidade expressiva e criativa, através de uma atitude paciente, tolerante, estimuladora, que permita o desenvolvimento da iniciativa da criança, a qual sentirá prazer na exploração do mundo, dispondo-se a experimentar diferentes atividades, querendo sempre aprender.

Imperioso impulsionar o ser em formação, para que ele mesmo seja capaz de buscar as soluções para os problemas com os quais se depara.

Quando a criança está vivenciando, brincando, consegue, geralmente, as respostas de que precisa, pois aprende a querer aprender, desperta a curiosidade, o interesse em continuar explorando o mundo circundante.

O educador-mediador consegue potencializar o desenvolvimento da criança quando não faz as coisas por ela, mas também quando não a deixa completamente só diante de uma tarefa. É essa mediação, de forma divertida, que irá ajudá-la a transformar-se em um adulto equilibrado, seguro, feliz.

Os bons educadores devem proporcionar condições para que a criança possa viver intensamente como tal, e não como um adulto em miniatura.

O ato de brincar, ao contrário do que muitos podem pensar, é plenamente compatível com a disciplina. Ambos os elementos são fundamentais

para o crescimento do indivíduo, cabendo ao educador estabelecer o equilíbrio necessário entre eles, a depender das situações que venham a ocorrer.

À medida que a imaginação da criança floresce, as atividades lúdicas tornam-se cada vez mais criativas e dramáticas.

Imitando adultos e outras crianças, diversas situações de “faz-de-conta” são criadas, utilizando-se os mais variados materiais (areia, bonecos, miniaturas de animais, etc.).

As crianças que brincam muito aumentam sua futura criatividade – um traço cultural proeminente dos seres humanos. Criar, imaginar, definir o que quer ser, expandir a personalidade – eis algumas possibilidades que emergem do simples ato de brincar. O ego infantil fortalece-se, tornando-se capaz de superar as frustrações que são inevitáveis em qualquer caminho.

Acreditamos, então, que é possível dar um enfoque psicopedagógico às chamadas atividades de expressão, tornando-as mais integradoras. Assim, o “agir-sentir-expressar-conhecer” serão favorecidos de forma concomitante e explícita para a criança, possibilitando-lhe experiências mais significativas e coerentes com seus interesses.

5.2 Objetivos

- Favorecer a integração simultânea e efetiva dos aspectos psicomotores aos aspectos cognitivos, afetivos e sócio-culturais nas atividades de classe;
- Propiciar um espaço para reflexão teórico-prática entre os educadores do Lar Infantil Ternura sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil;
- Estimular o grupo docente a repensar na dimensão do seu papel na dinâmica institucional, para que seja um facilitador, um mediador no processo ensino-aprendizagem;
- Favorecer um ambiente acolhedor, harmonioso, capaz de proporcionar condições para que os educadores resgatem sua criança interior e compreendam os objetivos do brincar;
- Conscientizar o educador da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem infantis, ao inserir o brincar na sua prática educativa.

5.3 Público-alvo

A equipe docente do Lar Infantil Ternura, composta de 04 professores: 02 graduados em Pedagogia e 02 em formação, com faixa etária entre 20 e 24 anos.

5.4 Cronograma

Serão desenvolvidos 08 encontros quinzenais, com duração de duas horas, totalizando um período de quatro meses. Os encontros ocorrerão nos finais de semana, a fim de que não haja prejuízo para o calendário normal da Instituição. O facilitador desses encontros será um psicopedagogo.

5.5 Atividades propostas

1º ENCONTRO - Por que estamos aqui?

Procedimento

a) 1º momento - Entregar aos participantes pedaços de cartolina nos quais foram previamente escritas, com caneta hidrográfica, pelo facilitador, as palavras contidas nos versos de Efigênia Rocha Ribeiro (v. abaixo), para que eles, dispostos em círculo, no chão, coloquem-nas em ordem:

Ria, brinque, tenha fé e esperança

A vida só acaba quando se deixa de ser criança.

b) 2º momento - Breve reflexão sobre a mensagem embutida nos versos, seguida de um “mergulho no passado”, através do qual serão expressos, por desenho, os momentos felizes da infância, utilizando-se lápis grafite, lápis de cor, giz de cera.

2º ENCONTRO - Círculo de União - Metas Compartilhadas

Procedimento

a) 1º momento - Todos de pé, no centro do pátio coberto, de mãos dadas, irão entoar a canção Bom Dia, Brasil, após terem ouvido sua execução no CD Viva a Criança, de Paulo Sette – PlayArte Music (v. anexo I), batendo palmas, brincando de roda.

b) 2º momento - Sentados no chão, em disposição circular, cada participante receberá uma caneta e uma folha de papel em branco, na qual, sem identificar-se, irá responder às seguintes questões:

1. Quais os meus objetivos no Lar Infantil Ternura?
2. Qual tem sido a minha prática lúdica com as crianças na Instituição?
3. De que maneira poderei melhorar minha atuação como educador?

Após, o facilitador pedirá que todos dobrem bastante a folha de papel e a coloquem no chão, a fim de que cada um, aleatoriamente, pegue para si uma das folhas (que deverá conter as respostas elaboradas por um colega, e não as próprias, caso contrário, serão misturadas novamente). Em seguida, um voluntário começa a ler e comentar as respostas à 1ª pergunta, passando a vez para o colega da direita e assim, sucessivamente, até o término das primeiras respostas, e, posteriormente, ocorrerão as rodadas referentes à segunda e à terceira questões.

3º ENCONTRO - Por que brincar é coisa séria?

Procedimento

a) 1º momento - Leitura e discussão do texto Eu não tenho de que brincar, de Isabel Cristina Hierro Parolin (v. anexo II).

b) 2º momento - Jogral com a letra da música Depende de Nós, de Ivan Lins (v. anexo III), a qual estará sendo executada, ao fundo, em baixo volume, e, ao final do encontro, será cantada por todos.

4º ENCONTRO - Sucateando...

Procedimento

a) 1º momento - Confeccionar, com papelão, cordão, garrafas plásticas, latinhas e tampinhas de refrigerante (e demais matérias recicláveis, anteriormente juntados para esta atividade), tinta guache, pincel, cola, canetas hidrográficas e tesoura vários objetos e personagens de uma dramatização montada pelos participantes, com enredo de cunho lúdico-educativo.

b) 2º momento - Deitados em colchonetes, no pátio coberto, de olhos fechados, ouvirem a música Aquarela, de Toquinho, Maurício Frabizo e Guido Moro (v. anexo IV).

5º ENCONTRO - Risoterapia no reino animal

Procedimento

a) 1º momento - Solicita-se a manifestação de um voluntário, que imitará um gatinho muito dengoso e persistente, pedindo, de casa em casa, comida para

saciar sua fome. O gatinho precisa conseguir alimento e, para tanto, terá que percorrer o caminho que for necessário, de porta em porta (passar por cada um dos participantes que estarão sentados nas cadeiras, em disposição semicircular). Os “donos das casas” dirão que ali o bichano não encontrará nada (por exemplo: “-Tem leitinho, não, gatinho; vá p’ra casa do vizinho!”), mas não poderão rir. Quem rir, passará a ser o gatinho.

b) 2º momento - Todos de pé irão cantar, dançar, pular ao som da música O Macaco, de Marco Camargo, R.Borin e Luca Salvia, do CD A Arca dos Bichos - Captain (Universal Publishing) – v. anexo V.

6º ENCONTRO - Teatrinho de dedinhos... /Espelhar...

Procedimento

a) 1º momento - Com tinta pinta-cara e pincel, os participantes irão criar uma peça teatral, utilizando os recursos do próprio corpo: os bonecos, os bichinhos e personagens em geral serão compostos utilizando-se os dedos das mãos e/ou dos pés, os braços e as pernas.

b) 2º momento - Formará duplas em que um dos participantes será o espelho, enquanto o outro será a imagem refletida. Deverá haver uma atenção muito grande, a fim de que se reproduza o maior número de gestos possível, da melhor maneira, no tempo que o facilitador estabelecer. Inicialmente, “para aquecer”, as duplas irão desenvolver a atividade em conjunto; em seguida, cada dupla terá a sua vez. Ao término da atividade, o facilitador fará uma analogia entre esta e a prática educativa, evidenciando o quanto as nossas ações refletem no comportamento das crianças.

7º ENCONTRO – Vivências

Procedimento

a) 1º momento - Cantar, gesticular, pular, dançar ao som da música É Hora de Brincar, do CD Meu Mundo Infantil, de Paulo Sette - PlayArte Music (v. anexo VI).

b) 2º momento - Sentados em colchonetes, os participantes irão, paulatinamente, promover uma desaceleração no ritmo da atividade anterior, atentando para a oxigenação dos pulmões, executando, vagarosamente, os movimentos respiratórios (inspiração - “cheirar uma flor”/ expiração - “apagar uma vela”). Em seguida, deitados, com os olhos fechados, imaginarão dois mundos: o mundo do SIM (contemplando todas as práticas educativas sonhadas, almejadas) e

o mundo do NÃO (do qual se quer desvencilhar, pois nele as mazelas existentes atravancam o processo educativo do ser humano). Cada um, de modo espontâneo, verbalizará, palavra por palavra, as idéias do mundo do SIM, formadas no seu campo mental, imaginando que todos, a partir daquele instante, já estariam contagiados pelos eflúvios de uma “pedagogia libertadora”.

8º ENCONTRO - Descortinando a criança interior

Procedimento

a) 1º momento - Leitura e comentários a respeito do texto Minha Profissão de Fé, de Gabriel Chalita (v. anexo VII).

b) 2º momento - Culminância: todos de pé, de mãos dadas, entoarão a música Brincar de Viver, de Guilherme Arantes (v. anexo VIII).

6 CONCLUSÃO

Estamos tentando comunicar uma forma de pensamento sobre a formação e atuação do professor com a criança pré-escolar num espaço privilegiado de desenvolvimento e socialização.

O cotidiano é uma oportunidade de aprendizagem. A escola de Educação Infantil tem funções próprias, embora às vezes se afaste de seus objetivos para atender as expectativas equivocadas da família.

Objetivamos que os professores transcendam as suas vivências, tornando-se capazes e disponíveis para explorar de forma integradora muitas outras atividades de expressão corporal, musical, cênica e plástica, além das atividades de recreação, conhecimento comumente desenvolvidas de forma estanque e/ou fragmentada nas rotinas de classe.

O ato do conhecimento na nossa sociedade ocorre de forma fragmentada. Pensa-se que ao brincar, o homem utiliza apenas a emoção, e que ao aprender, utiliza somente a razão.

O brincar, dotado de natureza livre, é compatível com a busca de resultados, típica de processos educativos. Brincar e educar pode e devem andar entrelaçados.

Perceber, criar, manter e desenvolver laços de afeto e confiança em si e no outro fazem parte do processo de evolução da criança que brinca.

Os educadores por excelência hão de preservar a espontaneidade da criança, ajudando-a a familiarizar-se com o seu próprio espírito de iniciativa, a ganhar confiança em si mesma, formando assim o alicerce da construção de sua identidade e favorecendo sua autonomia.

Suscitando o brincar, estaremos preparando a inteligência e a vontade, promovendo, desde cedo, o treino da perseverança e da tenacidade, que tornam o indivíduo capaz de saber começar e, sobretudo, recomeçar, incansavelmente, sem deixar-se acrisolar por culpas, medos, ansiedades... Mas sim propiciando um viver em plenitude.

REFERÊNCIAS

- ALLESSANDRIN, I Cristina Dias. **Tramas criadoras na construção do 'ser si mesmo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- ALMEIDA, Ordália Alves de. **A Educação Infantil na História**. A história na educação infantil. Palestra proferida no 14º Congresso Brasileiro de Educação Infantil-OMEP/BR/MS, realizado no Palácio Popular da Cultura, em Campo Grande-MS, nos dias 10 a 13/07/2002.
- ARGENTI, Patrícia; ESCOTT, Clarice Monteiro. **A Formação em psicopedagogia nas Abordagens Clínica e Institucional**: Uma construção teórico, Prática. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2001.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair. Teixeira; TRASSI, Maria de Lourdes. **Psicologias**: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BOSSA, Nádia; OLIVEIRA, Vera Barros. **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de Aprendizagem**: O que são? Como tratá-las? Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- _____. **Fracasso escolar** : um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CABRAL, Norma Rosane Manguiera. **O lúdico e a dinâmica de grupo na construção da aprendizagem**. Aracaju. 2006
- CHALITA, Gabriel. **Histórias de professores que ninguém contou**: (mas que todo mundo conhece). São Paulo: Editora Gente, 2004.
- CHIMELLI, Mannoun. **Gastando tempo com os filhos**. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2000.
- CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira. **Educação infantil. PÓS-LDB**: rumos e desafios. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre a psicopedagogia clínica e institucional**: um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.
- FERNANDEZ, Alicia. **O Saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Tradução Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p 36.

_____. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GOEBEL, Wolfgang; GLÖCKLER, Michaela. **Consultório pediátrico**: Um conselheiro médico-pedagógico. tradução e adaptação da 14. edição alemã Sonia Setzer. 3. ed. Atual. São Paulo: Antroposófica, 2002.

GOTTMAN, John; DECLAIR, Joan. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HAEUSSLER, Isabel M.; RODRÍGUEZ, Soledad. **Manual de estimulação do pré-escolar**: um guia para pais e educadores; tradução Magda Lopes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta. **Piaget para a educação pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KISHIMOTO Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEBOVICI, S, DIATKINE, R. **Significado e função do brinquedo na criança**. Tradução de Liana Di Marco. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na Educação**: Criar, Fazer, Jogar. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2005.

MACEDO, Lino de. **Ensaio Pedagógico**: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar prazer e aprendizado**. 2. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

OLIVEIRA Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**—Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PARENTE, Sônia. **Encontros com Sara Pain**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Tradução de Ramon Américo Vasques. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Epistemologia Genética**. Tradução de Álvaro Cabral. Revisão da tradução Wilson Roberto Vaccari. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

PINTO, Silvia Amaral de Mello. **Psicopedagogia**: um portal para a inserção social. Associação Brasileira de Psicopedagogia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação matemática e a construção do número pela criança**: uma experiência em diferentes contextos sócio-econômicos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. **Ministério da Educação e do Desporto**, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, volumes 1, 2 e 3.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Michael Cole (Org.). Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**: fundamentos do construtivismo. São Paulo: Pioneira, 2000.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 10.ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WINNICOTT, D.W. **O brincar & a realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO APLICADO NA INSTITUIÇÃO

Caracterização da Instituição

1- Identificação da instituição

- ⇒ Nome: _____
- ⇒ Endereço: _____
- ⇒ CGC: _____
- ⇒ Tipo de instituição: _____
- ⇒ Entidade mantenedora:
() Estadual () Municipal () Federal () Outros. Quais? _____
- ⇒ Contribuição mensal da entidade: _____
- ⇒ Outras fontes de renda da instituição: _____

2- Aspectos históricos

- ⇒ Data de fundação: _____
- ⇒ Ata legal de criação: _____
- ⇒ Autorização para funcionamento: _____
- ⇒ Reconhecimento para funcionamento: _____
- ⇒ Fundador (a) da instituição: _____
- ⇒ Finalidade da construção do prédio: _____
- ⇒ Por que foi dado este nome à instituição? _____

3- Aspectos funcionais

- ⇒ Número total de crianças assistidas: _____
- ⇒ Número de:
Meninos assistidos: _____
Meninas assistidas: _____
Alunos na escola regular: _____
Alunos na educação especial: _____
- ⇒ Número de funcionários: _____
- ⇒ Horário de funcionamento: _____
- ⇒ Critério de acolhimento:
() Condições sócio-econômicas () Condições psíquico-emocionais
() Faixa etária () Outros Quais? _____
- ⇒ Atividades desenvolvidas na instituição:
() Aulas educativas () Aulas de informática
() Jogos e brincadeiras () Oficinas de arte
() Atividades desportivas () Educação religiosa
() Oficinas de leitura () Outros. Quais? _____
- ⇒ Trabalhos realizados com a comunidade:
() Palestras () Reuniões
() Campanhas () Busca de parcerias
() Outros. Quais? _____
- ⇒ A instituição faz encaminhamentos à (ao):
() Médico () Odontólogo () Psicólogo
() Psicopedagogo () Fonoaudiólogo () Assistente social

() Outros. Quais? _____

⇒ Em quais situações se dão esses encaminhamentos? _____

⇒ Como se dão esses encaminhamentos? _____

⇒ Para onde são encaminhados? _____

4- Aspectos administrativos

⇒ Serviços existentes na instituição:

() Assistência médica

() Assistência social

() Assistência psicológica

() Assistência pedagógica

() Assistência odontológica

() Assistência psicopedagógica

() Outros. Quais? _____

⇒ Quais os instrumentos utilizados na organização administrativa da instituição?

() Regimento interno

() Estatuto

() Organograma

() Outros. Quais? _____

⇒ Documentação da instituição:

() Ficha individual

() Histórico de vida

() Atestados médicos

() Histórico escolar

() Outros. Quais? _____

⇒ Dificuldades que a instituição enfrenta na área administrativa (falta de):

() Material didático

() Material de limpeza

() Móveis

() Monitores

() Funcionários para área administrativa

() Educadores

() Funcionários para serviços gerais

() Alimentos

() Produtos de higiene pessoal

() Eletrodomésticos

() Medicamentos

() Roupas para as crianças

() Médico, odontólogo, assistente social, psicólogo, psicopedagogo, nutricionista

() Outros. Quais? _____

⇒ Alimentação / Refeições oferecidas diariamente na instituição:

() Café da manhã _____

() Lanche da manhã _____

() Almoço _____

() Lanche da tarde _____

() Jantar _____

⇒ Como esse alimento é oferecido? _____

⇒ Como esse alimento é disponibilizado para instituição? _____

5- Caracterização da instituição

⇒ Serviços oferecidos pela instituição: _____

⇒ Histórico de funcionamento:

() Escola regular _____

() Escola de educação especial _____

() Creche _____

() Internato _____

() Orfanato _____

() Outros. Quais? _____

⇒ Localização:

() Central

() Zona urbana

() Zona periférica

⇒ Tem proximidade com:

() Hospital / posto médico

() Farmácia

() Supermercado

() Igreja

() Outros. Quais? _____

⇒ Meios de comunicação externa:

- () Telefone () Ofício () Internet
 () Correios () Fax () Outros

Quais? _____

⇒ Área total da instituição: _____

⇒ Área construída: _____

⇒ Área livre: _____

⇒ Estado de conservação:

- () Ótimo () Regular () Bom () Péssimo

⇒ Tipos de instalações hidráulicas:

- () Água encanada () Poço artesiano

- () Caixa d'água () Bomba d'água

() Outros. Quais? _____

⇒ Instalações elétricas:

- () Ótimas () Regulares

- () Boas () Precárias

⇒ Tipos de instalações sanitárias:

- () Fossa ligada à rede de esgoto () Fossa séptica

- () Fossa seca () Outros. Quais? _____

⇒ Dependências físicas:

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE
Sala do setor administrativo	
Banheiros	
Auditórios	
Sala de espera	
Refeitório	
Dormitórios	
Sala de TV	
Sala de leitura	
Sala de atendimento médico	
Almoxarifado	
Cozinha	
Biblioteca	
Brinquedoteca	
Parquinho	
Quadra polidesportiva	
Sala para atividades físicas	
Sala para atividades artísticas	
Sala para estudos	
Salas desativadas	
Posto médico	
Sala de aula regular	
Sala para educação especial	
Pátio	

⇒ Principais bens materiais da instituição:

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE
Mesas	
Cadeiras	
Carteiras	
Armários	
Televisor	
Video cassete	
Aparelho de som	
Computador	
Brinquedos	
Bebedouros	
Ventilador	
Geladeira	
Fogão	
Veículo em uso	

⇒ Equipe de funcionários da instituição:

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE
Professor(a)	
Auxiliar / monitor de turma	
Assistente social	
Enfermeira (a)	
Médico (a)	
Odontólogo (a)	
Diretor (a)	
Vice-diretor (a)	
Fisioterapeuta	
Psicólogo	
Pedagogo (a)	
Psicopedagogo	
Recreador (a)	
Professor (a) de educação física	
Professor (a) de artes	
Secretária	
Auxiliar administrativo	
Auxiliar de enfermagem	
Cozinheira (a)	
Ajudante de cozinha	
Auxiliar de limpeza	
Porteiro (a)	
Nutricionista	

6- Aspectos psicopedagógicos

⇒ Qual o modelo de aprendizagem dos funcionários?

- ☐)Gostam de ler
- ☐)Gostam de estudar
- ☐)Gostam de aprender coisas novas (reciclarem-se)
- ☐)Apresentam facilidade em utilizar as coisas que aprendem
- ☐)Apresentam dificuldades em utilizar as coisas que aprendem
- ☐)Aprendem para melhorar o atendimento / relacionamento no seu trabalho
- ☐)Apresentam resistências ao novo
- ☐)Outros. Quais? _____
- ⇒ Qual o modelo de aprendizagem dos alunos?
- ☐)Espontaneísta
- ☐)Resistem ao novo
- ☐)Gostam de ler
- ☐)Gostam de estudar
- ☐)Aprendem com facilidade
- ☐)Aprendem com dificuldade
- ☐)Aprendem sem compromisso
- ☐)Aprendem com compromisso
- ☐)Outros. Quais? _____
- ⇒ Como o conhecimento circula dentro da instituição:
 - ☐)Crianças e funcionários assistem a cursos e palestras
 - ☐)Utiliza-se quadro mural
 - ☐)Crianças e funcionários têm acesso a livros, TV, jornais, computador, etc.
 - ☐)Há oficinas de artes, leitura, produção de texto, etc.
 - ☐)Outros. Quais? _____
- ⇒ A instituição mantém contato com os pais (responsáveis) dos alunos através de:
 - ☐)Reuniões para informar sobre sua filosofia, estrutura e funcionamento
 - ☐)Entrevistas para coleta e apresentação de informações sobre a instituição
 - ☐)Encontros individuais periódicos para orientação dos pais (responsáveis) quanto ao andamento e / ou, eventuais, problemas do aluno na instituição. Qual a periodicidade desses encontros? _____
 - ☐)Visitas periódicas à família. Qual a periodicidade dessas visitas? _____
- ☐)Outros. Quais? _____

APÊNDICE B

Entrevista semi-estruturada aplicada à direção da instituição

- ⇒ Nome:
- ⇒ Grau de instrução
- ⇒ Formação:
- ⇒ Há quanto tempo atua na área?
- ⇒ Há quanto tempo trabalha na instituição?
- ⇒ Como se sente ao trabalhar neste tipo de instituição?
- ⇒ Que tipo de atividade é desenvolvida na instituição?
- ⇒ Para desenvolver esse trabalho você participou de algum treinamento e / ou capacitação?
- ⇒ Como se dá o processo de tomadas de decisões na instituição?
- ⇒ Existem reuniões para o desenvolvimento das atividades a serem realizadas na instituição?
- ⇒ De que forma as crianças e os funcionários têm acesso aos recursos tecnológicos disponíveis na instituição?
- ⇒ Qual a concepção de criança?
- ⇒ Qual a concepção de educação infantil?
- ⇒ A instituição programa a rotina das crianças?
- ⇒ A instituição tem coordenação pedagógica?
- ⇒ Qual a formação dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças?

APÊNDICE C

Entrevista semi-estruturada aplicada aos funcionários

- ⇒ Nome:
- ⇒ Idade:
- ⇒ Grau de instrução:
- ⇒ Profissão:
- ⇒ Tempo de trabalho na instituição:
- ⇒ Existe treinamento para facilitar o trabalho na instituição?
- ⇒ Os recursos humanos são suficientes para atender às necessidades da instituição?
- ⇒ Fale sobre você (família, religião, do que gosta,...):
- ⇒ Fale sobre seu trabalho (o que faz, se gosta, quais as dificuldades,...):
- ⇒ Estudar, aprender são importantes para você? Por quê?
- ⇒ Qual a concepção de criança?
- ⇒ Qual a concepção de educação infantil?
- ⇒ A instituição programa a rotina das crianças?
- ⇒ A instituição tem coordenação pedagógica?
- ⇒ Qual a formação dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças?

APÊNDICE D

Entrevista com as Professoras / Estagiárias

- ⇒ Nome:
- ⇒ Idade:
- ⇒ Grau de instrução:
- ⇒ Profissão / Formação:
- ⇒ Tempo de trabalho na área:
- ⇒ Tempo de trabalho na instituição:
- ⇒ Existe treinamento para facilitar o trabalho na instituição?
- ⇒ Os recursos humanos são suficientes para atender às necessidades da instituição?
- ⇒ Você gosta do trabalho que exerce na instituição?
- ⇒ Você mudaria algo na instituição?
- ⇒ Por que escolheu o curso de Pedagogia?
- ⇒ Dentro do curso, qual a área de que mais gosta ou com a qual se identifica?
- ⇒ Em que área da Pedagogia pretende trabalhar?
- ⇒ Você acha que a Universidade prepara verdadeiramente para a atividade prática na sua área?
- ⇒ Fale sobre você (família, religião, do que gosta, do que não gosta...):
- ⇒ Fale sobre seu trabalho (o que faz, se gosta, quais as dificuldades...):
- ⇒ Estudar, aprender são importantes para você? Por quê?
- ⇒ O que é ser criança e qual a importância dessa fase?

ANEXO I

Bom Dia, Brasil

Paulo Sette

Bom dia à professora
Bom dia, meu amiguinho
Bom dia a minha escola
Bom dia, brasileiro
Papai e mamãe trabalham
P'ra gente ser mais feliz
Sagrada é a família
Que faz esse meu país

ANEXO II

Eu não tenho de que brincar

Isabel Cristina Hierro Parolin

Para minha filha Paula, que muito brincou e que hoje oportuniza esse espaço para outras crianças

É muito preocupante ouvir um desabafo como esse, dito por uma criança que está na praia, grudada na mãe, em meio a um choro doído e lamentoso. Diante de uma infinidade de espaço e de possibilidades criativas para brincar, essa criança se sente amarrada e sem instrumentos para aproveitar o momento, o espaço disponível e companhia das outras crianças presentes. Mais preocupante ainda, é ouvir uma outra mãe se solidarizando com essa situação por vivê-la igualmente com seu filho.

Acredito que a vida confinada em apartamentos e longe dos quintais tem uma boa parcela de contribuição para a situação que estou descrevendo. No entanto, penso que outros fatores, de igual ou talvez até maior importância, interferem decisivamente na capacidade criativa da criança de brincar.

Nossas crianças estão crescendo super familiarizadas com as máquinas: vídeo games, computadores, games boy, televisão; com os brinquedos eletrônicos de toda espécie e, infelizmente, distanciadas de caixas, pedaços de panos, bonecas, carrinhos, madeirinhas, jogos de montar, jogos de tabuleiros, etc. Esses brinquedos, sabemos muito bem, oportunizam e favorecem a brincadeira livre e a fantasia. A criança coloca no objeto com que ela está brincando, o significado que ela deseja no momento. Por outro lado, esse tipo de brincadeira requer atenção, dá trabalho e faz sujeira. Na pressa do dia-a-dia, os pais e alguns professores, tentando simplificar suas rotinas e suas tarefas de educadores, oferecem brinquedos já prontos e que não requeiram montagem, não fazem sujeira e nem geram lixo; enfim, nada que precisam limpar e arrumar.

Para muitas crianças a diversão de final de semana é ir ao shopping, com roupas bem "transadinhas", brincar em brinquedos virtuais e depois fazer lanche. Para outras, já maiores, o passeio é ver vitrines, antes do lanche, e ficar infernizando os pais com o seus "quereres". Nessa pseudo simplificação, os pais necessitam trabalhar muito para manter a criança feliz com tudo que eles, erroneamente, imaginam que seus filhos precisam. Para outras crianças, o final de semana é, simplesmente, assistir à televisão, de pijama.

Mais grave ainda, fica a situação se a criança estiver em uma escola em que os educadores, para atender os pais, não permitem que a criança se suje ou corra, pois "é perigoso..."

Não dá para isolar o comportamento lúdico da criança. A criança brinca porque faz parte da sua natureza. Ela brinca quando é para brincar e quando nós, adultos, entendemos que ela não deveria brincar. Muitas crianças ficam brincando em seu castigo, ou com o caderno ou ainda, com a comida no prato. As atividades lúdicas preparam a criança para o desempenho de papéis sociais, para a compreensão do funcionamento do mundo, para demonstrar e vivenciar emoções.

Quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde os afetivo-emocionais, motor, cognitivo, até o corporal. É através da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

Se pensarmos no brinquedo como suporte da brincadeira, poderemos imaginar que a criança necessita interagir com o brinquedo, transformá-lo, dar significados e representações sociais a ele. Se o brinquedo já está carregado de significados, já tem um jeito de brincar e faz tudo sozinho, muito pouco sobrou para a criança criar.

O valor do brinquedo para a criança não está em seu preço, nem mesmo em seu tamanho e muito menos na quantidade ou número de luzes que possui, mas sim na possibilidade criativa que oferece de aceitar significados, fantasias e interações.

Retornando à situação inicial da criança que não sabe como brincar na praia, podemos constatar o quanto ela está distanciada de sua própria natureza e da sua condição de criança.

Pais preocupados em compensar sua ausência na formação de seus filhos costumam presentear com brinquedos, muitas vezes fora da faixa maturacional e do real interesse da criança.

"Dei um patinete para a minha filha, pois ela me pedia todos os dias, e se ela andou duas vezes, foi muito..." Outra mãe contou-me "O meu filho destruiu o teclado do computador que eu dei para ele uma semana depois do aniversário..."(de 4 anos) Se a mídia está oferecendo um determinado brinquedo, todas as crianças acabam influenciadas e pedindo aquele objeto de consumo. Pais desavisados, que muitas vezes fazem verdadeiros sacrifícios para presentear seus filhos, acabam comprando o brinquedo como algo que a criança deva ter, como se em posse desse objeto ela passasse a ser alguém.

"Meu filho fica deitado na frente da televisão a manhã toda e ainda mama, pois tem preguiça de tomar o Nescau no copo...O que eu devo fazer?" perguntou-me um pai, aflito. "Brinque com ele!" Respondi. Vá a uma praça andar de bicicleta, pegue umas pazinhas e brinque na areia. Faça coisas com sucata, use caixas de sapato, tesoura, cola e tinta. Jogue algum jogo, conte histórias, leia contos de fadas. Convide outras crianças para brincar com ele. Logo ele vai reencontrar o prazer de brincar, e fazer seu lanche à mesa passa a ser consequência. Resgate a criança que há nele. Não podemos perder de vista que a ação deve ser educada e o desejo compreendido. A criança necessita aprender a superar-se.

Fico assustada ao ver o número de crianças com tendência à obesidade e ao sedentarismo. Falam e conversam muitíssimo bem, mas não fazem absolutamente nada. Resolvem tudo com o verbal, dissociados de seu corpo! Pedem aos pais para fazer um lanche ao invés de um passeio! Preferem assistir à televisão, a brincar com o amigo do prédio.

Não sou contra brinquedos eletrônicos, computador, televisão, etc. Sou a favor de equilíbrio e de educação. Existem excelentes programas de tevê, software e jogos de videogames, mas não há apenas essas opções. Nós tiramos de nossas crianças a oportunidade de brincar em quintais; em contrapartida, precisamos criar um espaço alternativo para elas se manifestarem.

Não devemos esquecer que o que acontece nas telas da tevê, do videogame e do computador é virtual e a vida, meus amigos, é de verdade. Brincadeira é coisa séria!

ANEXO III

Depende de Nós

Ivan Lins

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo p'ra um mundo melhor
Depende de nós
Que o circo esteja armado
Que o palhaço esteja engraçado
Que o riso esteja no ar
Sem que a gente precise sonhar
Que os ventos soprem nos galhos
Que as folhas bebam o orvalho
E que o sol descortine mais as manhãs
Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
Se a vida sobreviverá

ANEXO IV

Aquarela
Toquinho

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se o pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota voar no céu
Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela, viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco à vel, branco, navegando
É tanto o céu e o mar num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa grená
Tudo em volta colorindo com suas luzes a piscar
Basta imaginar que ele está partindo sereno e lindo
E se a gente quiser, ele vai pousar
Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente, a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
E depois convida a rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos juntos numa linda passarela de uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá
Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo que descolorirá
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo que descolorirá

ANEXO V

O Macaco

Marco Camargo, R. Borin, Luca Salvia

Vou de galho em galho
Vou dando banana
Para quem quiser

Enrolando o rabo
Giro com a mão
Agarro com o pé

Eu sou o Macaco
Sou muito engraçado
Beijo no nariz

Imito todo mundo
Vou mostrando os dentes
Porque sou feliz

Vou dando piruetas (Fiu, fiu, fiu)
Vou batendo palmas (Plá, plá, plá)
Vou dando gargalhadas (Há, há, há)
Eu gosto é de brincar

ANEXO VI

É Hora de Brincar

Paulo Sette

Vamos jogar peteca ...
Peteca p'ra lá e p'ra cá
Garota muito sapeca ...
É hora de brincar ...
Brincando de amarelinha
Agora tem que pular
Não vale pisar na linha
Senão você vai errar
1...2...3... A gente tem que bater
1...2...3... O pique tá com você

ANEXO VII

Fim (ou perspectiva de um novo começo)

Minha Profissão de Fé

Gabriel Chalita

Decidi terminar este livro com algumas considerações a respeito da vocação que move milhares e milhares de abnegados ao mister da educação. O magistério se assemelha muito à maternidade, à geração da vida, à formação e ao desenvolvimento de novos seres... O que faz a mãe senão passar a vida educando os seus filhos? E o que faz um professor senão trabalhar todos os dias para ajudar a formar as novas gerações?

Da mesma forma que as mães e os pais, os mestres são aqueles que orientam, aconselham, ensinam e regam, todos os dias, dezenas de sementes. Sua função é fazer com que essas sementes cresçam, floresçam e dêem frutos capazes de alimentar os novos tempos com sua beleza multicolor e vibrante.

Os *educadores-sonhadores* jamais desistem de suas sementes, mesmo que não germinem no tempo certo... Mesmo que pareçam frágeis frente às intempéries... Mesmo que não sejam viçosas e que não exalem o perfume que se espera delas. O espírito de um mestre nunca se deixa abater pelas dificuldades. Ao contrário, esses educadores entendem experiências difíceis como desafios a serem vencidos.

E uma vez superados esses desafios... Como é indescritível o resultado de ver transformada uma planta frágil em uma árvore frondosa! É quando se percebe que cada minuto empregado nessa empreitada vale por uma vida e nos dá a certeza de que é imprescindível continuar exercendo esse ofício gratificante e incomparável...

Os grandes homens e mulheres da ciência, os grandes pensadores, filósofos e humanistas, os grandes artistas de todos os séculos, os grandes esportistas de todos os tempos e, enfim, as personalidades que vivenciaram e escreveram, com seus sonhos e, muitas vezes, com suas vidas, a História da humanidade em algum momento tiveram (ou foram influenciados por) educadores que lhes proporcionaram o conhecimento necessário à realização de seus objetivos.

Os educadores são, portanto, os responsáveis diretos pelo nosso crescimento e evolução pessoal e profissional. Quando temos a possibilidade de desvendar, de descobrir, de conhecer e de usar essas ferramentas, somos então capazes de sonhar e de desenhar com traçado seguro as linhas de nossa própria vida.

Todos os obstáculos tornam-se, então, menores do que a nossa disposição para enfrentá-los. Todas as dificuldades ficam pequenas frente às soluções criativas de que dispomos para solucioná-las. Todas as armadilhas que a vida nos impõe passam a ser bem menores do que o número interminável de estratégias que temos para superá-las.

Os professores que acreditam no valor de sua missão têm essa habilidade essencial de tornar seus aprendizes seguros, confiantes e preparados para enfrentar qualquer tipo de adversidade.

Para isso, há que se cultivar com os alunos uma relação de troca em que haja o compartilhar e o aprendizado mútuo. Há que se adquirir o respeito dos estudantes por uma via muito mais bela, mais florida e mais atraente do que o caminho estreito, cinzento e desprovido de atrativos construído pelo autoritarismo. Há que se

conquistar o aluno pela paixão com que se leciona esta ou aquela disciplina. É preciso conquistá-los pelos pequenos gestos que fazem o dia-a-dia da sala de aula. Gestos singelos que demandam dos professores a visão e a clareza de que têm em suas mãos as crianças e os jovens que darão continuidade ao processo natural de ocupação deste planeta. Cabe aos educadores dedicarem-se ao máximo para que essa juventude seja partidária do progresso com responsabilidade, do exercício da cidadania plena, da política fundamentada no trabalho em prol do bem para a coletividade, do altruísmo, do respeito às diferenças de cor, credo e classe social, do diálogo franco e aberto ao invés da intolerância, da busca de soluções e alternativas que viabilizem a cultura da paz e da não-violência...Tudo isso parece, à primeira vista, uma tarefa quase impossível, mas esse é um pensamento equivocado...

Contribuir para esse novo mundo exige, tão-somente, o amor, a paciência e o respeito pelo aprendiz. Significa começar a olhar os alunos diretamente nos olhos. Olhar de ternura, compreensão, apoio, segurança e credibilidade. Olhares que traduzam frases como "Você consegue!", "Você pode!", "Não tenha medo de errar!", "Ouse!", "Estou aqui para ajudar!"...

Exige também o entendimento da sala de aula como uma amostragem real do mundo e das pessoas que o habitam. Pessoas singulares que têm origens, histórias e experiências diferentes...Pessoas grandiosas, detentoras de um universo tão complexo quanto fascinante...Pessoas inteligentes, talentosas, alegres, seguras ou mesmo pessoas carentes, inseguras, com baixa auto-estima...Pessoas que ainda não despertaram para seus enorme potencial e talento. Essas representam os maiores desafios dos mestres e costumam ser, também, suas maiores recompensas.

Toda classe é um universo composto por dezenas de jovens. Meninos e meninas em processo de ebulição constante. Todos com os olhos brilhantes que cintilam para a vida e para as novidades que ela traz a cada dia. Todos cheios de energia, alegria e vigor.

Hoje, as crianças e os jovens diferem muito das gerações que os antecederam pelo simples motivo de estarem se desenvolvendo, aprendendo e vivendo na era da informação e do conhecimento. Essa juventude do novo milênio está sintonizada com o ciberespaço, com a virtualidade das relações, com a rapidez dos processos tecnológicos e com a informação em tempo real.

Mesmo com essas peculiaridades eles ainda guardam em essência algumas semelhanças com os que os precederam. Sua sede de vida e de aventura, por exemplo. Por isso, é natural e muito compreensível que suas preocupações mais prementes, na maioria das vezes, estejam muito além dos muros escolares.

A vida, de forma geral, é muito sedutora...Há a natureza ofertando o sol, o mar, a luz da lua e as estrelas. Há as brincadeiras, os passeios, os amigos, os amores...Como concorrer com tudo isso? Como mantê-los atentos durante as aulas? Como cativá-los? Como seduzi-los para a fabulosa conquista do conhecimento?

A resposta para todas essas questões pode ser encontrada dentro de cada educador. Ela é proveniente de um misto de intuição, conhecimento e capacidade de percepção da realidade a nossa volta.

Educar nunca foi nem nunca poderá ser o resultado de uma fórmula mágica. Educar é, antes de tudo, encarar cada aluno e cada sala de aula como sendo, respectivamente, seres e realidades únicas – o que pressupõe atitudes, posturas e metodologias diferentes para cada caso.

Acreditamos nisso e ressaltamos a necessidade de os educadores terem de enxergar sempre além. Educar é preparar para a vida e isso exige o empenho, a dedicação e o trabalho ininterrupto da família, da escola e da sociedade. E a escola

deve ser o centro de luz que irradia a energia necessária para que essa educação ocorra da melhor forma possível, em todos os níveis e em todas as esferas sociais. Quem faz a opção pelo magistério precisa desenvolver competências e habilidades variadas e que tenham relação com numerosas áreas do conhecimento humano. A psicologia, a pedagogia, a política, a diplomacia, e até mesmo a medicina e a arquitetura, devem fazer parte do cotidiano de quem faz do ensino a sua missão. Por mais que pareça estranho, o professor tem de exercer em seu dia-a-dia um misto de todas essas funções, além de dominar a especialidade que escolheu para lecionar.

Quando exercem seu lado “arquiteto”, os mestres estão colaborando para a construção de novos sonhos e novos amanhã. Quando exercem a “medicina e a psicologia”, estão lutando na tentativa de amenizar ou mesmo extinguir dores e incertezas profundas e, muitas vezes, já instaladas no interior de seus aprendizes. Já a habilidade política e diplomática deve possibilitar aos mestres serem os articuladores cuja função principal é apaziguar conflitos inerentes a discussões, debates e questionamentos comuns a um ambiente regido pelo espírito democrático e pela busca incessante do saber.

Temos certeza de que a esmagadora maioria dos educadores compactua com esses ideais e luta diariamente para colocá-los em prática. Muitos enfrentam bravamente jornadas cansativas e rotinas estafantes. Muitos abrem mão de seu lazer para preparar aulas mais interessantes e sedutoras. Muitos têm de conciliar seus horários e agendas de forma quase hercúlea, deslocando-se por grandes distâncias e enfrentando o trânsito caótico das metrópoles. Muitos dormem tarde e acordam cedo sempre na esperança de que seu trabalho poderá propiciar um mundo mais justo e igualitário.

Esse, em resumo, é um retrato dos educadores brasileiros. Uma legião nobre que professa e se orgulha de seu mister.

ANEXO VIII

Brincar de Viver

Guilherme Arantes

Quem me chamou
Quem vai querer voltar p'ra o ninho
E redescobrir seu lugar
P'ra retornar e enfrentar o dia-a-dia
E reaprender a sonhar
Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você responde sim
À sua imaginação, à arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz não
Você verá que a emoção começa agora
Agora é brincar de viver
E não esquecer: ninguém é o centro do Universo
Assim é maior o prazer
Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você responde sim
À sua imaginação, à arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz não
E eu desejo amar
A todos que eu cruzar pelo meu caminho
Como sou feliz, eu quero ver feliz quem andar comigo
Vem, vamos brincar de viver!
Vem, agora é brincar de viver!...